O TRABALHO DO HISTORIADOR

E AS FONTES HISTÓRICAS

ANA CAROLINA DA LUZ NUNES

Historiadora pela Universidade Federal do Maranhão e mestranda em História pelo Programa de Pós Graduação em História (UFMA) Conexões Atlânticas. Associada ao Grupo de Pesquisa Mundo Atlântico e suas diásporas (GMAD) associado ao PPGHIS-UFMA. Pesquisadora da escrita literária pós colonial em Moçambique, narrativas de guerras civis, literatura e história. Atualmente, dedica-se a refletir sobre a escrita de Lilia Momplé a partir da obra Neighbours no contexto das lutas de libertação e posteriormente da Guerra Civil em Moçambique.

TODA PESQUISA CIENTÍFICA precisa ser submetida a uma análise teórico-metodológica. No contexto da historiografia existem diversas nuances que levam o historiador a escolha do seu método: o objeto, tema problema e, principalmente, as fontes de pesquisa que são capazes de registrar rupturas do passado e manifestar continuidades por meio de um exercício hermenêutico, em que a tarefa e o trato com as fontes é lê-las e não as tornar verdade para assim, refletir sobre os marcos temporais como dispositivos teóricos.

A obra de José D'Assunção Barros, ora resenhado, *Fontes Históricas – uma introdução aos seus usos historiográficos* — publicada em 2019, no Rio de Janeiro — trata de questões chave para o trabalho do historiador, como o conceito de fonte e o tratamento historiográfico dessas fontes, discutindo suas especificidades, metodologias disponíveis, modos de serem interpretadas ou até conectadas com outras fontes. Ainda na parte introdutória, Barros já versa sobre a importância das fontes para o trabalho do historiador e refere-se a elas como “máquina do tempo” dos historiadores – ou seu “visor do tempo” (p.7), além de fazer uma série de questionamentos que são norteadores para as páginas seguintes do livro. Refletir sobre as fontes históricas é indagar sobre a própria metodologia histórica, portanto, Barros evidencia que o livro também se propõe a atender as demandas iniciais das disciplinas e de outros campos do saber que precisam de discussões relacionadas à teoria e metodologia da História e não somente para cursos de graduação em História.

A primeira parte do livro traz uma conceituação do que é a fonte histórica. Para Barros, a fonte é “tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações de interferência pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos” (p.15). O historiador, também salienta quais os tipos de fontes e como, a partir do século XX, a interdisciplinaridade entre as demais Ciências Humanas (Geografia, Linguística, Antropologia, etc.) permitiram uma abordagem de um campo de evidências imateriais que fogem do suporte físico e concreto, mas que representam o reconhecimento de práticas e representações e das diversas formas de sociabilidade.

Nessa primeira parte Barros também discute as terminologias para se referir a “fonte histórica” utilizando termos como “documentos históricos”, “vestígios” ou “registros históricos” (p.19), considerando que a primeira pode ser facilmente utilizada como sinônimo de fonte histórica e as outras duas são mais adequadas para pensar na prática arqueológica. O autor também faz uma comparação para pensar “onde começa a História – no problema, ou na fonte?” (p.21), citando autores clássicos, como Charles Seignobos e Lucien Febvre, que são conterrâneos mas que trazem duas perspectivas da velha historiografia. O primeiro venerava o documento como princípio essencial e único da operação historiográfica e o segundo, fruto da nova historiografia, trata o problema como princípio. Dessa forma, Barros adequa essas duas ideias e compreende que “sem o encontro entre um problema e suas fontes possíveis não há história”(p.23), portanto é necessário haver o entrelaçamento entre o problema e a fonte para que se faça a História.

Além disso, discute a variedade das fontes e os critérios que podem ser estabelecidos para propor uma taxonomia, isso possibilita o historiador a fazer perguntas fundamentais às fontes. Dentre os critérios, o historiador cita como norteadores para classificar e organizar os diferentes tipos de fontes quatro elementos: a) critério da *posição*: está associada a posição da fonte no que se refere à época, em relação aos fatos ou ao processo histórico, a posição ideológica e por fim em relação ao problema tratado pelo historiador b) *qualidade*: relacionada a característica da fonte, c) *intencionalidade*: considerando e indagando as condições de produção da fonte, a quem escreve, d) *serialidade*: se pode ou não ser submetida a outro conjunto de fontes. É a partir desse último critério que surge uma nova possibilidade metodológica à luz de duas novas abordagens que foram chamadas de História Serial e História Quantitativa, esta última envolve quantificação em economia, demografia ou outros campos de análise, que trabalhem com uma documentação mais massiva. Por fim, traz a variedade de fontes, sejam materiais ou imateriais, salientando a importância da utilização de conceitos próprios e de um suporte metodológico para o tratamento dessas fontes.

Na segunda parte do livro, Barros produz um mergulho de profundidade na discussão e esmiuçamento das

potencialidades e características das fontes periódicas ou fontes textuais. Em cada capítulo dessa segunda parte o autor aborda determinada matriz de fontes históricas, como as fontes realistas, literárias, narrativas, cartoriais, paroquiais, processuais, políticas, fontes relativas à vida privada (como as correspondências e os diários), e assim por diante. Por meio da explanação dessas fontes o autor sugere as diversas metodologias que são pertinentes para o tratamento de cada tipo de fonte e dá um destaque ao tratamento qualitativo ou tratamento serial.

Na terceira e última parte do livro intitulada como *A Polifonia das Fontes* pode-se pensar no conceito desenvolvido por Mikhail Bakhtin a respeito do dialogismo e da própria ideia de polifonia que leva em consideração as diversas vozes sociais e as relações dialógicas envolvidas nesse processo. Neste momento, Barros traz duas fontes que trabalham muito essa característica do discurso, bem como a veiculação, formas e condições de produção. A primeira são os jornais ou periódicos que podem ser considerados uma das fontes primordiais para o trabalho com os processos dialógicos da linguagem. A outra fonte são os relatos de viagem que não deixam de também ser discurso na percepção de quem esteve naquele espaço e tempo e registrou sua perspectiva sobre as representações e práticas.

Por fim, quero pontuar a importância da obra para nós historiadores e para outros pesquisadores de outros campos do saber, que também estão nesse eixo da historicidade, pois a questão central para a metodologia da história são as Fontes Históricas e para as metodologias são as técnicas aplicáveis para o seu levantamento e o autor contemplou de forma clara todas essas perspectivas. É uma leitura didática e que muito contribui para os estudos relacionados a métodos e técnicas para pesquisa histórica, bem como às formas de tratamento com nossos objetos de análise.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. **Fontes Históricas: uma introdução aos seus usos historiográficos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.